

**A NATUREZA DIALÓGICA DA LINGUEM EM BAKHTIN E O CÍRCULO:
O ATO NA REALIDADE E ACONTECIMENTO DO SER****THE DIALOGICAL NATURE OF LANGUAGE IN BAKHTIN AND THE
CIRCLE: THE ACT IN REALITY AND THE EVENT OF BEING****LA NATURALEZA DIALÓGICA DEL LENGUAJE EN BAKHTÍN Y EL
CÍRCULO: EL ACTO EN LA REALIDAD Y EL ACONTECIMIENTO DEL
SER**

Maria Lúcia Serafim Autor¹
Manassés Morais Xavier²

RESUMO

A linguagem dialógica, conforme concebida por Mikhail Bakhtin e o Círculo, representa um pilar ontológico da comunicação humana, marcada pela interação constante entre sujeitos sociais e historicamente situados. Essa perspectiva enfatiza o dialogismo como qualidade inerente a todo enunciado, onde o eu se constitui em relação ao outro, permeando práticas discursivas ativas e responsáveis. O lugar teórico deste texto ampara-se na Teoria Dialógica da Linguagem do Círculo de Bakhtin, considerando a arquitetônica do ser como conceito sistematizador que incorpora as categorias dialogicidade, interação discursiva e o ato responsável em Bakhtin (2017 [1920-24]), (2016 [1952-53]); Volóchinov (2019 [1930]), além de Brait (2020), Fiorin (2020), Amorim (2004). Vemos afirmado na filosofia do ato que Bakhtin fortalece os preceitos filosóficos da natureza dialógica da linguagem, na afirmativa de que o ato penetra na composição da motivação responsável do ser único em suas experiências dialógico-discursiva, demarcada pelos registros avaliativos intrínsecos aos enunciados dessa interação; bem como é no ato responsável do ser que os elementos teóricos e os elementos da vida se unem em uma relação de vida, cultura e atividade. Essa abordagem dialógico-discursiva transcende visões monolíticas da linguagem, posicionando-a como arena de vozes sociais em tensão, onde o ato do sujeito se revela no acontecimento não como transmissão neutra, mas como evento singular de valoração ética e ideológica.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; dialogismo; interação discursiva; Filosofia do ato.

ABSTRACT

Dialogic language, as conceived by Mikhail Bakhtin and the Circle, represents an ontological pillar of human communication, marked by constant interaction between socially and historically situated subjects. This perspective emphasizes dialogism as an inherent quality of every utterance, where the self is constituted in relation to the other, permeating active and

¹ Doutora em Linguagem e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino - PPGLE da Universidade Federal da Paraíba/UFCG, Professora efetiva do Departamento de Educação, Centro de Educação na Universidade Estadual da Paraíba e no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - PROFEI/UEPB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7484-8707>, E-mail: maluserafim@servidor.uepb.edu.br

² Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba-PROLING/UFPB. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande-PPGLE/UFCG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2628-8183> E-mail: manasses.morais@professor.ufcg.edu.br

responsible discursive practices. The theoretical framework of this text is based on the Dialogic Theory of Language of the Bakhtin Circle, considering the architectonics of being as a systematizing concept that incorporates the categories of dialogicity, discursive interaction, and the responsible act in Bakhtin (2017 [1920-24]), (2016 [1952-53]); Voloshinov (2019 [1930]), as well as Brait (2020), Fiorin (2020), and Amorim (2004). In the philosophy of the act, Bakhtin affirms that he strengthens the philosophical precepts of the dialogical nature of language, stating that the act penetrates the composition of the responsible motivation of the unique being in its dialogical-discursive experiences, demarcated by the evaluative registers intrinsic to the utterances of this interaction; as well as that it is in the responsible act of being that theoretical elements and elements of life unite in a relationship of life, culture, and activity. This dialogical-discursive approach transcends monolithic views of language, positioning it as an arena of social voices in tension, where the subject's act is revealed in the event not as a neutral transmission, but as a singular event of ethical and ideological valuation.

Keywords: Bakhtin Circle; dialogism; discursive interaction; Philosophy of the act.

RESUMEN

El lenguaje dialógico, tal como lo concibieron Mijaíl Bajtín y el Círculo, representa un pilar ontológico de la comunicación humana, marcado por la interacción constante entre sujetos social e históricamente situados. Esta perspectiva enfatiza el dialogismo como una cualidad inherente a cada enunciado, donde el yo se constituye en relación con el otro, permeando prácticas discursivas activas y responsables. El marco teórico de este texto se basa en la Teoría Dialógica del Lenguaje del Círculo de Bajtín, considerando la arquitectura del ser como un concepto sistematizador que incorpora las categorías de dialogicidad, interacción discursiva y el acto responsable en Bajtín (2017 [1920-24]), (2016 [1952-53]); Voloshinov (2019 [1930]), así como en Brait (2020), Fiorin (2020) y Amorim (2004). En la filosofía del acto, vemos afirmado que Bajtín fortalece los preceptos filosóficos de la naturaleza dialógica del lenguaje, al afirmar que el acto penetra en la composición de la motivación responsable del ser único en sus experiencias dialógico-discursivas, delimitadas por los registros evaluativos intrínsecos a los enunciados de esta interacción; así como es en el acto responsable del ser que los elementos teóricos y los elementos de la vida se unen en una relación de vida, cultura y actividad. Este enfoque dialógico-discursivo trasciende las visiones monolíticas del lenguaje, posicionándolo como un espacio de voces sociales en tensión, donde el acto del sujeto se revela en el acontecimiento no como una transmisión neutral, sino como un evento singular de valoración ética e ideológica.

Palabras clave: Círculo de Bajtín; dialogismo; interacción discursiva; Filosofía del acto.

INTRODUÇÃO

A linguagem põe e supõe o outro (Amorim, 2004, p. 95). Iniciamos deste lugar dialógico para trazer à voga o recorte teórico de estudo de tese em Linguagem e Ensino, cujo objetivo foi apresentar a partir dos pilares conceituais do dialogismo, interação discursiva e ato responsável na arquitetura do ser, a compreensão analítica de que a natureza dialógico-discursiva da linguagem proveniente dos estudos do Círculo de Bakhtin que estas pilastras são alicerces na correlação entre seres humanos, seus diálogos e valorações ligadas pela linguagem eminentemente dialógica.

Metodologicamente, o estudo é alicerçado na filosofia do conhecimento das ciências humanas em Bakhtin e o Círculo, com a perspectiva dialógica da linguagem e nos pressupostos da metodologia científica como pesquisa qualitativa, interpretativista, no sentido de que na abordagem qualitativa “[...] o social é visto como um mundo de significados passível de investigação e a linguagem dos autores sociais e suas práticas em matérias-primas dessa abordagem” (Teixeira (2012, p. 140).

Outrossim, é um texto de aporte teórico em que nos servimos de fundamentos essenciais à teoria em sua concepção e reverberação, por considerarmos estes preceitos basilares relevantes a uma percepção quanto às compreensões sociais dos sujeitos no que o dialogismo perpassa a linguagem como um todo. A interação discursiva naquilo que prediz que o verdadeiro centro da realidade linguística consiste numa prática viva da língua, ou seja, a sua constituição ocorre num *continuum* na corrente da comunicação verbal, a partir da qual a interação entre os interlocutores é o princípio fundante da linguagem e se efetiva por interposto do diálogo entre ouvinte e falante mediado pela palavra e/ou outras linguagens. E o ato responsável na arquitetônica do ser é um existir singular na vida e no contexto de realização que é própria do sujeito social, tomando o outro como prioridade.

Através destes conceitos caros ao Círculo de Bakhtin, reputamos que a Teoria Dialógica da Linguagem propicia compreensões relevantes naquilo que é da ordem do dialógico e da ordem do discursivo: do dialógico, quando pelas compreensões dos seres humanos estes enunciam sobre si e dos outros: princípio da arquitetônica eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim. E do discursivo, quando entendemos os sujeitos dialogicamente e historicamente situados.

O amparo teórico adveio da Teoria Dialógica da Linguagem, do Círculo de Bakhtin, tendo a arquitetônica do ser como conceito sistematizador que incorpora as categorias dialogicidade, interação discursiva e o ato responsável em Bakhtin (2017 [1920-24]), (2016 [1952-53]); Volóchinov (2019 [1930]) e de autores que difundem a concepção dialógica de linguagem como Brait (2020), Fiorin (2020), Amorim (2004), Faraco (2009).

Dito isto, ressaltamos a organização da produção em três tópicos, a saber: A noção de dialogismo para o Círculo de Bakhtin; A interação discursiva como um pilar basilar aos estudos da linguagem; e O ato responsável e a arquitetônica do ser para Bakhtin.

A NOÇÃO DE DIALOGISMO PARA O CÍRCULO DE BAKHTIN

Nos estudos do Círculo de Bakhtin, a dialogicidade é concebida como pilar conceitual essencial que escoa por toda a linguagem, por sua natureza interdiscursiva. Diante de tal asseveração, compreendemos que todo desempenho discursivo se estabelece numa relação, numa dada alternância de linguagem, de fala. Isso significa destacar que a linguagem, em sua totalidade, é, de sobremaneira, um acontecimento entre sujeitos. São relações sociais e, por isso, são irrepetíveis, mas não completamente novos, pois estes redizem marcas, posições de uma dada cultura que se formam do movimento dessa própria sociedade.

Sobre a essencialidade deste pilar conceitual, Faraco (2009, p. 60) destaca que a palavra diálogo: “[...] é mil vezes “mal – dita [...]”, enfatizando que o evento do diálogo face a face, em sentido estrito, está inserido no bojo de atenção do Círculo, mas não como forma composicional, forma observável, e sim no fato de se ocuparem pelo caso peculiar da interação face a face, com o que sucede naquele diálogo, ou seja, com as forças que são praticadas naquilo que é dito.

Os diálogos já foram, são e serão uma arena de confronto de acentos valorativos e visões de mundo daqueles que os enunciaram, enunciam e os enunciarão concretamente. Para o Círculo de Bakhtin, o dialogismo é uma qualidade ontológica do enunciado concreto, ou seja, não são tão “inéditos” e Bakhtin (2016 [1950-60], p. 61) nos apresenta esta chave de resposta analítica quando afirma que:

[...] O falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos (na conversa ou na discussão sobre algum acontecimento cotidiano) ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. (no campo da comunicação cultural).

Como expresso na citação acima, a importância do outro é fundamental porque o interlocutor real ou presumido não é passivo. Ou seja, ao perceber e compreender o significado linguístico do discurso, o interlocutor ocupa simultaneamente em relação ao outro locutor uma ativa posição responsiva.

Nesse aspecto, importa considerar o que Fiorin (2020, p. 28) chama atenção sobre o vocábulo “diálogo” na seara da relação dialógica no sentido do que este significa, entre outras coisas, “solução de conflitos”, “entendimento”, “promoção de

consenso”, “busca de acordo”, o que poderia levar a pensar que Bakhtin seria o filósofo conciliador de conflitos entre os homens. No entanto, ele esclarece que:

Não é nada disso. As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto [...].

Nos diálogos, “[...] a relação contratual com um enunciado, a adesão a ele, a aceitação de seu conteúdo faz-se no ponto de tensão dessa voz com outras vozes sociais” [...] (Fiorin, 2020, p. 28), ou seja, os enunciados são sempre recintos de lutas entre vozes sociais. Uma resposta, como uma reação ao já-dito, manifesta-se de modo a evocar diferentes impressões que dialogam responsivamente.

Ainda em Fiorin (2020), na obra “Introdução ao pensamento de Bakhtin”, temos os consideráveis destaques realizados pelo autor no que se refere à noção de dialogismo enquanto responsável por dar o lugar de fundação à perspectiva da linguagem em três concepções: o primeiro conceito enfatiza que todo e qualquer enunciado é dialógico e dialogismo vai corresponder aos modos de funcionamento real da linguagem, o qual vai além das formas composicionais, abrangendo a expressividade e os sujeitos que estão em cena se apresentando e interagindo no contexto social e individual. A segunda concepção assinala que enquanto forma de representação e da voz do outro no enunciado, quem enuncia traz em sua constituição do enunciar o discurso do outro que acaba por estar nos discursos proferidos do eu. Por fim, o terceiro conceito ressalta que, no que diz respeito à subjetividade, o sujeito no dialogismo de Bakhtin é inseparável das estruturas sociais, na medida em que se constitui discursivamente como aquele que é dependente das estruturas sociais ao se constituir discursivamente, compreendendo e incorporando as falas com as quais interage na relação que se produz dialogicamente.

Nesse processo de interação social, todo enunciado se constitui pela alternância das falas dos sujeitos, pela relação destes com a realidade extraverbal, bem como com os demais enunciados. E, finalmente, por sua conclusibilidade, que é a capacidade de se responder ao enunciado. Entram aí as noções de relações dialógicas e de compreensão responsiva, presentes na filosofia do ato pensada e edificada por Bakhtin (2017 [1920-24]) quando considera a função comunicativa como uma dialogia entre ouvinte e falante, no contexto de interação ativa – questão que trataremos no tópico 2.3.

Avistamos, então, a partir destes princípios aqui tratados, duas questões presentes no dialogismo: (a) a existência de uma interação permanente entre os

envolvidos no diálogo; e (b) o desacordo ou entendimento entre o discurso e o contexto social, de modo que um ajusta e seleciona o outro e vice-versa, numa relação de reciprocidade, mas, em arenas de conflitos.

No tocante à questão (a), trata-se da compreensão de que o diálogo tem expressão na consciência dialogizada que é constituída com a voz do outro, fato que para a Teoria Dialógica é nitidamente social. Por essa acepção, a identidade do sujeito se desenha por intermédio da interação discursiva (conceito tratado no tópico 2.2) dada na linguagem e na relação com a alteridade. E a alteridade é entendida neste contexto de estudo como todo enunciado que se concebe pela alternância dos sujeitos, por sua vinculação com a realidade extraverbal, por sua relação com os demais enunciados, findando por sua conclusibilidade. Assim dizendo, a capacidade de se responder a esse enunciado.

Volóchinov (2018 [1929], p. 219) preconiza que

[...] o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo. Um livro, ou seja, um discurso verbal impresso também é um elemento da comunicação.

Em Volóchinov (2018 [1929]), vemos a alusão à alteridade quando ele assinala que as variantes do discurso, tanto oral como escrito, implicam em horizontes que estabelecem relações para com quem estes discursos estão sendo ditos ou escritos por seus locutores e interlocutores. Isso porque estes compõem um grupo social estabelecido e pertencente a uma época, pois os fatores históricos, ideológicos, a variação linguística e o conhecimento que locutores e interlocutores têm de mundo constituem a enunciação.

No tocante à questão (b), entram as noções de relações dialógicas e de compreensão responsiva e responsável. O locutor é um sujeito que faz uso da linguagem como resposta a outro locutor, num ciclo de argumentação – tanto no sentido estrito, como amplo da palavra – que se revela no plano da enunciação manifestada nas diversas formas de linguagem: orientação social para o outro; presença de diferentes vozes sociais que dialogam ou se conflitam; materialização do enunciado enquanto elo entre os já-ditos e a presunção de respostas; da adequação ao contexto enunciativo; e das marcas valorativas/emotivo-volitivas/axiológicas do sujeito em relação ao objeto da enunciação.

Nesse panorama, as relações dialógicas se dão através dos enunciados presentes na interação discursiva. É um fluxo em *continuum*, aquilo que o Círculo trata como cadeia enunciativa, e que Sobral (2009, p. 33) corrobora ao enfatizar que

[...] o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso, porque toda enunciação é uma “resposta”, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma “pergunta”, uma “intervenção” a outras enunciações: o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva, mas como parceiro – colaborativo ou hostil – ativo.

Para o Círculo, o dialogismo não é apenas uma questão rigorosamente discursiva. Seus aspectos discursivos decorrem de sua definição filosófica como princípio que se desdobra do agir – só se age em relação de contraste em função a outros atos, pois o inacabamento do ser funda-se na diferença. Isto é, um sujeito construído por um princípio dialógico, através da alteridade que constitui com o outro, sendo ao mesmo tempo social e individual.

De maneira concisa, a concepção de dialogismo inerente à filosofia da linguagem faz jus ao seu destaque no sentido de: penetrar toda a construção da linguagem; lidar pelo ponto de vista social como perspectiva filosófica antropológica que nos permite pensar sobre o papel do diálogo; compreender a alteridade na constituição dos sujeitos humanos e da interação subjetiva que dá forma ao “eu” nas interações discursivas, em conformidade com a Filosofia do ato e a arquitetônica de Bakhtin (2017 [1920-24]): expressa na relação eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim.

Estas considerações são atributos primordiais na caracterização da linguagem, da palavra em sua pertença aos signos ideológicos em geral, do vínculo de suas funções na esfera da comunicação cotidiana apreendida pela presença constitutiva e reguladora como *medium* das consciências únicas de interação discursiva em uma organização social.

A INTERAÇÃO DISCURSIVA COMO PILAR ESSENCIAL AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Inauguramos o trajeto com as palavras de Volóchinov (2018 [1929], p. 205) ao afirmar que a palavra é o elo que liga o eu e o outro, “[...] ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor”. Sentido este que resulta das relações enunciativas entre interlocutores, as quais podem ser mais ou menos solidificadas, sem desconsiderar

as experiências com o sistema da língua, mesmo que necessitam, imperiosamente, ir além dela ao enunciarem. A partir dessa transcendência, a relação enunciativa determina os sentidos possíveis realizados nas interações. É na interação entre interlocutores, mesmo quando um deles não seja um locutor real, que vai se dá a produção de toda a base da linguagem.

Para todo projeto discursivo há de se pressupor o outro, há um endereçamento. Ocorre uma orientação em busca da palavra do outro. Marcadamente, o mundo interior de cada indivíduo, bem como o seu pensamento, está vinculado ao que este possui como auditório social, que é o lugar estável de concretização do discurso. É justamente neste recinto que o indivíduo vai sistematizar os seus argumentos interiores, suas avaliações e, por conseguinte, vai organizar a sua comunicação nos diferentes campos do discurso.

Sob essa égide, os valores apreciativos configuram-se enquanto intrínsecos ao enunciado concreto. É o que apregoa Volóchinov (2018 [1929], p. 217) quando alega que “[...] toda palavra é ideológica, assim como cada uso da língua implica mudanças ideológicas”. Tal pressuposto conduz ao entendimento de que os participantes da comunicação viva não possuem uma postura passiva frente à linguagem. Sendo, assim, preciso olhar as extremidades entre mim e os outros, seus pertencimentos sociais em relação aos cargos, para bens possuídos, para as suas profissões etc.. Dessa maneira, ao notabilizar a relação “eu” e “outro”, no tocante à orientação social do enunciado, Volóchinov (2018 [1929]) considera-a numa inter-relação sócio-hierárquica entre os interlocutores.

Ao tratarmos sobre ideologia, rigorosamente, necessitamos arrazoar sobre o mundo semiótico, na medida em que são nos signos - palavra, cor, som, gestos e movimentos - o lugar em que o homem deixa os seus registros e rastros de sentido, de história e de humanidade. Os signos nascem no campo das relações entre os indivíduos, são eleitos pelos seres humanos e vão passar a ser instrumentos ideológicos quando inseridos nos enunciados que estes proferem, conforme defende Volóchinov (2018 [1929], p. 91-92, grifos do autor):

Tudo que é ideológico possui uma significação: ele apresenta e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. *Onde não há signo também não há ideologia*. Pode-se dizer que um corpo físico equivale a si próprio: ele não significa nada e coincide inteiramente com a sua realidade única e natural. Nesse caso, não temos como falar de ideologia.

Desse modo, a realidade simbólica é fundamentalmente objetiva, tendo em conta que os sujeitos podem, a partir dos signos, refletir, interagir, observar e estudar sobre o comportamento e as ações da humanidade. Tudo o que é ideológico possui uma significação. Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. “Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*” (Volóchinov, 2018 [1929], p. 205, grifos do autor), assim, recaindo em sua natureza interativa discursiva.

Em outras palavras, um olhar, uma expressão da face e/ou um movimento do corpo podem significar muito em um determinado cenário enunciativo. O Círculo, ao afirmar sobre essa faculdade – a interação entre interlocutores –, está a considerar o contato com as tessituras existentes entre enunciado, ideologia e refração, uma tríade presente na filosofia dos pensadores Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. Por isso, os “modos do homem” (Volóchinov, 2019 [1930], p. 281), em suas expressões gestuais, vão resultar da orientação social de seu enunciado.

Ademais, em cada enunciado, a linguagem é engendrada pelos posicionamentos, pelas réplicas, respostas de seu enunciador. Vai possuir um caráter de réplica avaliativa, via por onde os discursos interagem no acontecimento social com as ideologias, é o que nos explicita Volóchinov (2019 [1930], p. 316) quando defende que “toda palavra, falada ou pensada, não é um simples ponto de vista, mas um ponto de vista avaliador”. Os valores apreciativos vão na direção do que é sócio-histórico, determinado na esfera ideológica que se forma como que em círculos crescentes de respostas e ressonâncias verbais. Na anuência de que a interação discursiva só se efetiva entre duas consciências, entre dois centros de valores, melhor dizendo, entre diálogo e tensão, sublinhando dialogismo como uma qualidade ontológica do enunciado concreto.

Todo enunciado, por mais conclusivo e significativo que seja, é somente um momento da cadeia em um *continuum* da comunicação discursiva na esfera cotidiana, científica, política etc.. Tal fato se deve porque o centro organizador de toda e qualquer expressão enunciativa é remetido ao exterior, à relação que o indivíduo arquiteta com o meio social que o circunda. Porém, frisamos a interação discursiva fora de uma idealização, visto que os sujeitos não interagem livres de qualquer tipo de coibição. A relação constitutiva entre linguagem, signo e ideologia ocupada pela valoração dos enunciados que se materializa no diálogo pelo ato avaliativo “responsável/responsivo”, unindo-os à entoação avaliativa como aspecto arquitetônico da relação eu-outro.

É a Filosofia do Ato consubstancializada naquilo que Bakhtin (2017 [1920-24]) predispõe acerca de conceitos que tomou como basilares ao definir ato como o existir

singular na vida num contexto de realização que lhe é própria e a arquitetônica do ser, designando o outro como prioridade, bem como a resposta responsável que devo ao outro. Os sujeitos são constituídos socialmente por intermédio da linguagem, no terreno da cultura e das relações que criam uns com os outros.

O ATO RESPONSÁVEL E A ARQUITETÔNICA DO SER PARA BAKHTIN

Bakhtin floresce o seu projeto filosófico em torno do conceito de arquitetônica a partir de alguns textos em que tece um tratado sobre a ética e a sua relação com o outro, como já refletido nas interrelações que já construímos. Dentre os textos que tocam nesse grande projeto filosófico, destacam-se: “Arte e Responsabilidade” (1919); “Para uma Filosofia do Ato Responsável” (1920-24); “O autor e a personagem na atividade estética” (1924-27); e “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (1924).

Para este tópico, especialmente, desenvolvemos as reflexões à luz de Bakhtin em *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-24), evidenciando seu pensamento filosófico naquilo que vincula à análise e discussão produzida: a natureza dialógico-discursiva da linguagem.

Por conseguinte, realizamos destaque a dois fundamentos no cumprimento da importância dos conceitos: a) a conceituação de ato na singularidade dos sujeitos responsáveis nos contextos, em que vivem suas diversas experiências sociais dialógicas e discursivas; e b) a concepção de arquitetônica do ser nos posicionamentos vinculados à perspectiva de sujeitos historicamente situados - o eu-para-mim, o eu-para-o-outro e o-outro-para mim.

No primeiro fundamento – o ato e o existir singular na vida e experiências –, o ato se constitui numa realização que lhe é própria. Bakhtin (2017 [1920-24], p. 79-80) se expressa acerca do que é o ato:

O ato - considerado não a partir de seu conteúdo, mas na sua própria realização - de algum modo conhece, de algum modo possui o existir unitário e singular da vida; orienta-se por ele e o considera em sua completude - seja no seu aspecto contedutístico, seja na sua real facticidade singular; do interior, o ato não vê somente um contexto único, mas também o único contexto concreto, o contexto último, com o qual relaciona tanto o seu sentido assim como o seu fato, em que procura realizar responsabilmente a verdade única, seja do fato seja do sentido, na sua unidade concreta. Por isso é necessário, evidentemente, assumir o ato não como um fato contemplado ou teoricamente pensado do exterior, mas assumido do interior, na sua

responsabilidade. Essa responsabilidade do ato permite levar em consideração todos os fatores: tanto a validade de sentido quanto a execução factual em toda a sua concreta historicidade e individualidade; a responsabilidade do ato conhece um único plano, um único contexto, no qual tal consideração é possível e onde tanto a validade teórica, quanto a factualidade histórica e o tom emotivo-volitivo figuram como momentos de uma única decisão.

A afirmação contextualiza a compreensão do ser evento singular, haja vista que “o evento no seu realizar-se pode ser claro e evidente, a cada momento, para aquele que participa de seu ato” (Bakhtin, 2017 [1920-24], p. 82). O ato provém do caráter e da existência de evento no existir incorporado mediante ativa interpretação da realidade histórica e irrepitível do existir. Insere-se em um projeto em que não há separação entre as direções do sentido histórico-individual. Nesse interim, o ato é o confronto da própria existência do sujeito irrepitível nas atribuições do seu agir, da sua atuação responsável mediante as interpretações que realiza do mundo social do qual faz parte.

Porém, como o mundo da vida não é percebido apenas por nossos sentidos físicos, passamos a emitir valorações as quais têm fundações em nossos atos que, por ocorrerem junto a outros em cooperação, demarcam que é neste espaço e tempo que reside este encontro do outro comigo e vice-versa, “[...] em uma relação indissolúvel com os respectivos momentos da vida humana, dos costumes, da atividade (do trabalho) [...]” conforme assegura Bakhtin (2011, [1919-74], p. 225).

Esta concepção aludida trata do tecido do dialogismo no bojo da arquitetônica bakhtiniana que integra a filosofia do ato com os elementos ato/atividade e evento, potencializando a sua fundação num diálogo crítico e participativo, onde o vir-a-ser é entendido em termos de sua transformação constitutiva. Brait (2020, p. 20, grifos da autora) destaca que “[...] Bakhtin emprega, para designar ato, o termo russo *Postupok*, entendimento de “ato/feito”, num sentido ativo e durativo próximo de “*façanha*”, *ato concretamente em realização*, em vez de ato tomado apenas *post-factum*”.

A partir da referência ofertada por Brait (2020), com a presença do termo russo “*Postupok*”, como utilizado por Bakhtin, o ato/efeito na significação dinâmica do indivíduo consegue declará-lo singularmente, uma vez que “um documento não assinado que não obriga ninguém a nada” (Bakhtin, 2017 [1920-24], p. 101-102), já que o sentido descolado da singularidade é tido como um plano a ser cumprido; e o existir pronto é nocivo, pois destrói as multiplicidades dos mundos pessoais existentes, os quais são legítimos e irrepitíveis.

À medida que qualquer ato nosso que não seja planejado obedece à tensão permanente do dever ser, uma imperiosidade que provém para mim do outro é um ato ético (*postupok*) que acaba por nos fazer retesar responsabilidades e admitir consequências: no ser não há álibi. O que significa que são atos para outros, que repercutem o olhar do eu e suas sanções sobre pessoas, grupos e mundo. É aquilo que ocorre entre nós, o eu-para-o-outro, o- outro-para-mim, o acontecimento do ser que se trata de uma projeção ontológica.

Para Bakhtin (2017 [1920-24], p. 52) o ser, em seu existir, vive suas diversas experiências sociais e discursivas entre as muitas possibilidades de mundo de cada participante, num mundo particular, autônomo, mas que não deve ser entendido como apartado do mundo da vida. Em *Para uma filosofia do ato responsável*, chancela que a própria condição humana não prescinde da linguagem, da palavra plena, enunciada, do seu conteúdo e sentido, por seus aspectos expressivos – imagem e entonação por seu caráter emotivo-volitivo, em sua unidade. Um sujeito responsável é participante de sua unicidade e do não-álibi. Assim sendo, o ato consciente e responsável, irrepetível, é realizado no mundo pela prática como sujeito concreto e relacional em contato valorativo com o outro.

Nesse sentido, o sujeito para o Círculo de Bakhtin contempla o mundo por meio de um distanciamento estratégico (exotopia– excedente de visão) e empático, ou seja, de seu ponto de vista situado. O que significa pensar o não-álibi no ser singular, com fundação na verdade lógica (*istina*) e na veracidade moral (*pravda*): a *istina* é do domínio do repetível, ou da significação, enquanto a *pravda* tem a ver com o sentido, com a responsabilidade do agir, “um agir em que o sujeito reconhece sua responsabilidade irrevogável (seu não-álibi no ser) e a afirma de maneira singular” (Sobral, 2019, p. 84). É o sujeito lançado no mundo, assumindo o seu agir nele. Porque é através do ato que se pode reconhecer o sujeito, sua responsabilidade e responsividade por aquilo que produz “o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla, vive e morre” (Bakhtin, 2017 [1920-24], p. 43).

Partindo da premissa anteposta, na vida, eu devo me sentir responsável pela criação do meu semelhante, bem como devo saber que vou depender dele para que eu possa dar forma e sentido à minha existência internalizada. É nesse mundo onde se realiza o ato ético, inferido como a ação humana concreta, responsável, posicionada, que surge as relações intersubjetivas. O ato que une responsabilidade e responsividade - o responder pelos próprios atos como ato de engajamento, responsável. E a

responsividade que leva o responder para alguém ou à alguma coisa. Essa responsabilidade se dá num excedente de visão e vai justamente ocorrer no outro em relação a mim e de mim em relação ao outro, numa intimidade responsável entre o eu-e-o-outro. Ademais, o ato e o contexto se interconectam em função da situação ser-evento, singular e irrepetível.

É pelo ato da responsabilidade, de engajamento, que se dá na relação eu-outro, que o ato responsivo se pronuncia e nos permite penetrarmos em nós mesmos e também sermos penetrados pelo outro. É, então, neste ato de resposta que reside a noção de responsividade. Ser responsivo revela a participação do sujeito na vida real na qual está inserido, o que é assegurado por Bakhtin e se acentua em Xavier (2020, p. 59) ao elucidar que “Ser responsivo, na responsabilidade do ato, é funcionar como resposta a uma série de elementos presentes em minha vida enquanto signo. É fazer-se atuante e sensibilizar-se para uma consciência participante”.

Nessa relação está circunscrita a arquitetônica de Bakhtin que constitui o ponto de articulação entre a totalidade interna e as avaliações axiológicas permeadas pelos valores éticos, estéticos, morais, os quais constroem um objeto situado histórica, social e ideologicamente, atribuindo-lhe sentido. Perante essa conjuntura, decorre uma tomada de consciência dos sujeitos em três movimentos, que vão se evidenciar no encontro da vida, a saber: *eu-para-mim*; *eu-para-o-outro*; e *outro-para-mim*. Podemos assim dizer que há uma limitação no nosso olhar que só o outro pode preencher, já que a minha existência e a do outro são interdependentes e surgem a todo momento nesses movimentos da arquitetônica nos valores, no tempo e no espaço.

Com isso, Bakhtin põe no entendimento da arquitetônica a questão essencial dos diferentes mundos da vida e da cultura, naquilo que, para ele, o mundo da cultura é “o mundo no qual se objetiva o ato da atividade de cada um” (Bakhtin, 2017 [1920-24], p. 43). É o mundo das nossas atividades individuais, singulares. Já o mundo da vida é aquele em que “tal ato realmente, irrepetivelmente, ocorre” (Bakhtin, 2017 [1920-24], p. 43). Para o filósofo, o mundo teórico em nada oferta à vida e ao agir responsável do indivíduo. Seu projeto fundante no âmbito da *prima* filosofia se dá na argumentação de que tudo que é experimentado possui um “tom emotivo-volitivo” (Bakhtin, 2017 [1920-24], p. 87), havendo um vínculo entre o conteúdo e seu valor dado por aquele sujeito que de alguma forma pensa. Encrusta o ser humano em relação constante com o mundo concreto que o rodeia, já que o pensamento também traduz um ato no existir.

Daí, nas enunciações de Bakhtin, o ato não é uma simples circunstância procedente de um juízo racional, de obediência constrangida às leis, como para Kant. Ao contrário, o pensamento bakhtiniano coloca a ética na razão prática, na realidade, na vida, na experiência. Institui-se, nesse sentido, como uma escolha concreta no mundo, de um ser único, singular, dotado de emoção e vontade, historicamente situado, com valores axiológicos e que tem neste ato total responsabilidade para consigo e para com o outro.

Para Bakhtin (2017 [1920-24], p. 86),

O tom emotivo-volitivo é um momento imprescindível do ato, inclusive do pensamento mais abstrato enquanto meu pensamento realmente pensado, isto é, na medida em que o pensamento realmente venha a existir, se incorpore no evento. Tudo isso com que tenho a ver, me é dado em certo tom emotivo-volitivo, já que tudo me é dado como momento do evento, do qual eu sou participante. Se eu penso num objeto, estabeleço com ele uma relação que tem o caráter de um evento em processo. Na sua correlação comigo, o objeto é inseparável da sua função no evento. Mas esta função do objeto na unidade do evento real que nos abarca é o seu valor real, afirmado, o seu tom emotivo-volitivo.

Marcadamente, lemos a vinculação entre ato e valoração, o que é afirmado nas propostas filosóficas do Círculo no percurso da Teoria Dialógica da Linguagem e, mais especificamente, acentuada na *Prima filosofia* em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. Desta feita, chamamos a atenção para a expressão “Entonação avaliativa” a qual provém do Círculo e que designa o fato de que sempre ao se dizer alguma coisa a alguém se faz a partir de uma dada posição. Um ser responsivo que ao responder ativamente apresenta o ser-evento. O existir implica no agir, no participar. E agir é tomar uma posição num dado momento irrepetível.

Pelo olhar bakhtiniano, a verdade não é uma categoria universal, ela emerge em um processo de produção do conhecimento, a partir do qual o ato de conhecer encontra seu objeto de estudo já atravessado por valores, logo, preenchidos por tonalidades emotivas, portanto, não vazias de emoções. Em outros termos, podemos observá-la enquanto algo inscrito em uma realidade complexa, de modo axiologicamente valorado. É a linguagem no enfoque bakhtiniano “[...] concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos.” (Brait; Melo, 2018, p. 65).

Nessa perspectiva, a verdade, a ser produzida pelo conhecimento teórico, decorreria de uma descrição da arquitetônica concreta do mundo real, no qual o ato se realiza e cujos momentos fundamentais da sua construção ancoram-se nas relações "eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro" (Bakhtin, 2017 [1920-24], p. 114).

Movemo-nos, ao segundo fundamento – a concepção de arquitetônica do ser nos posicionamentos vinculados à perspectiva de sujeitos historicamente situados: discussão essencial à compreensão do projeto filosófico de Bakhtin. Sabemos que o texto permaneceu inédito por anos, sendo marcado por sua inconclusibilidade, uma vez que foi publicado com trechos iniciais desaparecidos. Porém, é nesse escrito que o filósofo apresenta uma reflexão sobre o ato e sua correlação com a história, focalizando na necessidade de se pensar no todo enquanto conjunto, ou seja, o todo arquitetônico devendo funcionar harmonicamente, mediado por um funcionamento em que os elementos de sua constituição dialogam entre si:

É esta arquitetônica do mundo real do ato que a filosofia moral deve descrever, não como um esquema abstrato, mas como o plano concreto do mundo do ato unitário singular, os momentos concretos fundamentais da sua construção e da sua disposição recíproca. Estes momentos fundamentais são: eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro; todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo Real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também os éticos e sociais) e, finalmente, religiosos. Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro (Bakhtin, 2017 [1920-24], p. 114-115).

No conceito, vemos a essencialidade sobre a filosofia do ato responsável como método analítico ao dispor que “para minha consciência ativa e participante, esse mundo, como um todo arquitetônico, é disposto em torno de mim como único centro de realização do meu ato” (Bakhtin, 2017 [1920-24], p. 118). Ademais, o ser ativo e participante concebe que é parte do diálogo junto a outros seres e de modo responsável e criativo participa do mundo da vida e da cultura. Pois, é em torno dos elementos de sua constituição, dialogando entre si, que se dispõem os valores científicos, estéticos, políticos, religiosos, e desde o início instaura-se do ato cognitivo o ponto de vista ético e os valores.

Esse conceito do Círculo revoluciona as chamadas filosofias do processo e da vida, ao propor a responsabilidade/responsividade, o não álbi do sujeito, a valoração de

seus próprios atos como o elemento que vai unificar todo o seu agir. O ato avaliativo “responsável/responsivo” envolve o conteúdo do ato, unindo-o. A entoação avaliativa como aspecto arquitetônico compreende o valor do ato, valor esse que emerge para o ser em suas interações, dado que “[...] as possibilidades de uma língua tornam-se realidade somente por meio da avaliação” (Medviédév (2012 [1928], p. 185-187). Mediante a isso, a palavra torna-se uma “arena em miniatura” na qual os valores sociais de variadas orientações ideológicas se entrecruzam, lutam.

Vê-se, pois, que as palavras do locutor ganham vida com as entoações que profere e, conseqüentemente, acabam por dialogar, também, com os valores da sociedade, posicionando-se em relação a estes valores. Assumir a responsabilidade da unicidade da existência coloca o sujeito frente à alteridade, ou seja, nos dois centros de valor diferentes e correlacionados: eu e o outro como condição para a construção dos valores dos sujeitos, da comunidade, do grupo social, em qualquer das práticas sociais, já que o mundo concreto é fundado nos centros de valores do eu e do outro.

Melhor dizendo, nos três momentos da arquitetônica eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim, o “eu” ocupa a cada evento o centro de uma arquitetônica na qual o outro entra imprescindivelmente em jogo nas interações destes três movimentos fundamentais de tal arquitetônica e estes são todos caracterizados em termos de alteridade. Processo esse nunca isolado ou decorrente da simples vontade individual, pois resulta da efetividade da interação, do encontro dialógico ou na expressão explicativa que sintetiza a essência do pensamento bakhtiniano da alteridade mediada pela linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que foi a partir do conhecimento da linguagem, à luz da Teoria Dialógica com os estudos de Bakhtin e do Círculo, que entendemos a arquitetônica do ser como englobante aos conceituais basilares da dialogicidade, da interação discursiva e do ato responsável – acentos conceituais elegidos para dar tratamento ao acontecimento entre os sujeitos.

A partir das afirmações reportadas no estudo, a concepção da Teoria Dialógica da Linguagem só pode ser entendida na dialogicidade do processo de interação social e discursiva. No diálogo com o outro, no sentido de um sujeito social inserido na

contextualidade histórica, portanto, ideologicamente situado. Logo, constitui-se a partir da noção de que a linguagem é heterogênea, marcada pela presença do outro no processo que se dá na interação social, instituindo-se dialógica quanto à discursividade.

Nesse contexto da natureza dialógico discursiva da linguagem a palavra é território comum entre falantes e interlocutores, expressando os argumentos e os motivos desses indivíduos. Nesse ínterim, no estudo, vislumbramos os sujeitos como seres convocados a expressarem seus diálogos e discursos consigo mesmos, com os outros, em suas condições e vinculações sociais, tendo em vista que “toda palavra serve de expressão ao *um* em relação ao *outro*” (Volóchinov, 2018 [1929], p. 205).

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e o seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2004.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. In.: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011[1974], p. 225-261.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: 34, 2016 [1952/1953].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017 [1920-24].

BRAIT, Beth. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In.: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: Conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto: 2020, p. 7-10.

BRAIT, Beth.; MELO, Rosineide de. Enunciado/ enunciado concreto / enunciação. In.: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2020.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivo. In.: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020, p. 151-166.



MEDVIEDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin:** roteiro de leitura comentado. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias:** acadêmica, da ciência e da pesquisa. 9. ed. Petrópolis: Vozes: 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenha e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: 34, 2019 [1926].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem/ Valentin Volóchinov, tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: 34, 2018 [1929].

XAVIER, Manassés Morais. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva.** São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFCEG, 2020.

Submetido em: 30/11/2025

Aceito em: 24/12/2025

